

A DEMOCRACIA

FOLHA REPUBLICANA

PROPRIEDADE DE DIAS & MELLO

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA



Anno II

ASSIGNATURAS
CORTE E PROVINCIAS
10\$000 POR ANNO

Rio de Janeiro, 24 de Novembro de 1887

TYPOGRAPHICA
E ESCRIPTORIO
40 RUA DE S. JOSÉ 40

N. 44

Expediente

Publicar-se-ha a « Democracia » duas vezes por semana.

A assignatura, quer para a Côrte quer para as provincias, é de DEZ MIL REIS annuaes.



A França

Rio, 24 de Novembro de 1887.

Telegrammas de Paris têm-nos trazido noticias sobre o estado politico da França, que põe em sobresalto o coração daquelles que vêm n'esse grande paiz o alvo das suas aspirações e o ponto mais culminante a que tem attingido a civilização occidental.

Realmente, de sobre a nuvem que nos envolve, e atravez da qual difficil se torna apanhar os factos e coordenar-os para se chegar a um resultado theorico, ha motivo para que se tema um movimento contrario á politica que a França tem seguido ha vinte annos.

Seria isso, decerto, uma catastrophe tremenda para a raça latina, para a hegemonia intellectual da Europa e da America, porque a França republicana poderia ensinar-nos o caminho por onde se chega mais facilmente ao regimen salutar da democracia ou da força systematisada pelo Direito.

O Presidente da Republica offereceu ao sr. Clemenceau, autor da interpeção que motivou a retirada do ministerio Rouvier, a missão de formar um novo gabinete.

O sr. Clemenceau recusou. O illustre parlamentar não o devia ter feito.

Quando um homem como o sr. Clemenceau rechaça um ministerio com o brilhantismo da sua palavra e escorcha uma situação politica, como a que a França atrayessa n'este momento, deve ter tambem a coragem de tomar sobre os seus hombros a grave responsabilidade da reorganisação de um ministerio de cujo esforço commum dependa a paz

do seu paiz e talvez de toda a raça de que a França englobulisa a mais bella e a mais pujante fracção.

E' assim que procede um verdadeiro estadista.

O illustre parlamentar vê, de um lado, a sua patria ameaçada a todo o instante, pela criminosa ganancia das monarchias que veem na elevação dos principios dogmaticos da politica republicana uma ameaça perenne aos interesses dynasticos, e ás aberrações de castas. De outro lado, os phenomenos extranhos que fundam e agitam a ordem mantida até hoje pelos conservadores e que fazem estremecer de temor os ultimos veteranos da campanha gloriosa que deu mais uma vez a victoria á França contra o mundo colligado para arrancar do systema physico da Europa o seu mais bello orgão, sem pensar que se decapitava a si proprio, devia ter obrigado o sr. Clemenceau a recuar do seu plano, se é que o sr. Clemenceau tem um plano.

Sabemos mais, que para nós latinos, para nós em cujas arterias corre o sangue ardente do povo que nivelou os homens e abateu as castas privilegiadas, o phenomeno sociologico mais simples que se dê na França, repercute de tal modo na nossa sensibilidade sempre exagerada, que nos parece que o mundo vae se extinguir pela brusca destruição de um sol que nos aquece e que nos ilenta.

Todos os dias nos chegam da Irlanda noticias contristadoras, que nos fazem ter pelo governo inglez o mesmo sentimento repulsivo da furia sanguinaria de um animal carnívoro que depois de se haver repastado nas carnes quentes e sanguinolentas das victimas, dá-nos o espectáculo de um funambulo a tripudiar sobre os restos apostejados que escaparam á rapacidade das suas garras.

Entanto olhamos para esses telegrammas com a maior indifferença, e isto pela natural contracção que se opera no nosso organismo ao pensarmos em John Bull atestado de libras e de vinho,—oscillando de um para o outro lado segundo os movimentos do cambio de que é elle o supremo pontifice.

Eis porque acreditamos serem impotentes a interpeção do sr. Clemenceau e as libertinagens do sr. Wilson para pôr em perigo a vida da grande nação.

Uma republica como a França não vive da vida de um homem, nem de um ministerio.

Aquillo não é o Brasil, meus senhores, onde todas as forças politicas atrophiadas se deram rendez-vous para morrer na glycuria imperial.

Em uma ignobil molina publicada no «Jornal do Commercio» de ante-hontem attribuem-se os recentes acontecimentos da cidade de Campos á intervenção do austero e intelligente magistrado Dr. Godofredo Cunha, a quem se dá por «insuflador da desordem» e auctor dos telegrammas que o «Paiz» publica d'essa cidade.

O expediente não é novo. Atirar sobre as costas dos adversarios politicos, por mais imparciaes que sejam no exercicio das suas funcções, a responsabilidade das tropelias que pratica «a flor da sua gente», é coisa que está nas cordas do governo, principalmente quando se trata de ageitar a cama para um pretendente, filho da situação...

Não nos surprehenderá por tanto ver o governo, fundado na mesma calumnia que fez publicar, demittir o illustre moço do cargo de Juiz Municipal, para dar-lhe como substituto o actual promotor cujo logar se dá a um jovem alferes... do futuro, recentemente formado em Direito.

O REU PINTO

Transcrevendo as nossas considerações sobre a execução da pena de morte a que foi condemnado o homicida Pinto de Almeida Junior, o «Diario Mercantil» de S. Paulo, não achou commentarios bastante causticos para stygmatisar a impiedade das nossas palavras.

Contavamos com isso. As almas sensiveis, habituadas a discutir questões sociaes com as fibras do coração mais ou menos romanticas, não podem aplaudir o protesto que levantamos contra o inqualificavel assalto á constituição e ao codigo criminal, no modo pelo qual o poder moderador commuta systematicamente a pena de morte.

Não sabemos se Almeida Junior merece a medonha penalidade a que foi condemnado; exigimos, a penas, da Princeza Imperial um fim ao censuravel systema de desrespeitar a lei expressa, que afinal n'esse ponto está de accordo com os principios da moderna sciencia criminal.

De arco e flecha

Bom burguez, meu ingenuo camarada. Eu me não dirijo a ti, homem, creatura singular, individuo, portador de titulos nominaes, passageiro de bonds e contribuinte da lista civil; não dirijo-me a ti, parte integrante de uma

grande collectividade, á qual estás preso pela identificação de principios, de interesses, de idéas, de opiniões e de sentimentos, e constituo em ti arbitrariamente, para meu uso e para os meus fins, uma individuação, que é como o pato bravo que o caçador escolhe na margem da lagôa, para o ponto de mira o qual desde que seja attingido pelo tiro tem dado logar a que sejam igualmente attingidos e mortos todos os seus companheiros de bando.

Não que te queira eu matar, a ti e aos teus, mas simplesmente porque te quero ferir na ponta da aza immaculada de pensador, como aos mais da tua sociedade, se para tanto der a cynegitica do estylo que possuo.

E a prova está em que, escrevendo-te a ti e referindo-me á burguezia, tenho um assumpto que se de algum modo te affecta, como crystallisação diamantina de verdades reaccionarias contra os teus habitos e a tua esthetica, por outro lado nada tem de commum com as alternativas do cambio nem com o juro dos titulos da divida publica.

Decididamente tiro-te na aza apenas, na aza immaculada de pensador.

O meu assumpto é o Ramalho, si n' o Ramalho, o das *Farpas*, esse mesmo, o Ortigão da Gazeta, — aquelle sujeito de altos e impertinentes collarinhos, listrados de vermelho, e de *pince-nez* de largos vidros sigizes e perscrutadores, que ultimamente foi visto algumas vezes á rua do Ouvidor n'um casaco claro, e passeando com garbo e com firmeza a sua rija e intrepida figura de peninsular pariziense.

Estás ferido já? pois, põe na aza ferida o balsamo de tua virtuosa saliva e continuemos.

O Ramalho foi-se embora; tomou passagem a bordo do *Orenoque* das *Messageries* e foi-se embora.

A tua opinião a respeito sei qual é, não só porque já te ouvi nos bonds a declamar as tuas convicções, como ainda porque varias gazetas, interpretes fieis do teu pensamento, já manifestaram sobre o Ramalho, ao voltar para o jardim da Europa á beira mar plantado, e sobre o livro, o futuro livro que o Ramalho ha de escrever.

Emquanto, em alto mar, ao rythmo seguro do helice, que franjando de espuma a tunica azulada das agnas, coordena elle as suas notas de viagem e as suas impressões de artista, escrevendo mentalmente talvez o livro sobre o Brazil, tu pões com emphase as mãos nas cavas do collete, e fazes conjecturas atrevidas

sobre o que escreverá o Ramalho, decidindo por ti e pelas suggestões do teu espirito immaculado de pensador que elle não pôde deixar de dizer muito e muito bem d'esta hospitaleira plaga da banana e da faca, onde cantam o sabiá e a jandaya.

Mesmo porque, monologas tu e depois o repetes aos teus, se alguma cousa, lhe cahiu em desagrado, elle sabará ter a a cavalheirosa gentileza de omitir essa cousa, para corresponder reconhecido aos copos d'agua, aos mimos e á entusiastica recepção que leve aqui.

Só em jantares, dizes tu, deu elle causa a que se pagasse aos hotéis do Rio de Janeiro e de S. Paulo, uma quantidade de comida sufficiente para pôr o Ceará nos seus eixos, n'um anno de secca.

Em estylo noticioso e em panegyricos espipocantes, abiscotou o que havia em melhor uso nas pratelleiras das redacções que, não satisfeitas, maudaram pedir reforço ao velho mundo e ao Rio da Prata.

Em mimos e presentes, além da mala do Seixas e da cadeira do Moreira Carvalho, offereceu-lhe a « Sociedade Euterpe do Prazer Commemorativo da estada do eminente escriptor Ramalho Ortigão no Brazil e Homenagem ao mesmo» uma caneta de ouro estrelada de 1:600 nebulosas de diamantes infinitesimales, invisiveis a olho nu.

Além d'isso, os builes, os jantares intimos, as recepções, o banquete 20 de Agosto em casa do sr. presidente do conselho, o braço d'este pelos corredores do senado, os cumprimentos, as apresentações, as mangas de Itamaracá, os retratos, os convites, os sonetos votivos, os saraus musicaes, os discursos, os protestos, as juras, a goiabada de S. Gonçalo e porultimo a nunca assaz ambicionada publica commenda da Rosa que tão bellaente ornamenta o peito das populações d'aquem e d'alem mar e Algarves.

E assim pensa o burguez indigena, affagando com amor o estomago, na hora solemne e profunda em que se verifica a digestão do cozido com que ao jantar foi ajunhada essa robusta viscera, já então convalescente.

Ora, francamente meu veneravel e ingenho camarada, pois chegaste mesmo a acreditar que um principe d'aquelle sangue intellectual, um espirito d'aquelle alta genealogia scientifica, um millionario d'aquelles formidaveis milhões de trabalho, accumulados durante annos com denodo, bravura, e sacrificios; uma sentinella imperterrita como aquella que dia e noite monta guarda juncto á muralha sancta e inexpugnavel da cidadella dos seus idéas de artista, ha de agora subornar se e subornar a sua prohibidade litteraria e a sua reputação aos pérus recheados, desvairamentos da adjectivação jornalística, as gulanterias de quatro kilogrammas de ouro e ás truffas em pauzinadoras, com que a ti te aprouve recebel-o e festejal-o?

Suppões então, que elle, o empreiteiro providencial destinado a desman-

char tabua por tabua todo o barracão luso-brasileiro, dependa na liberdade e na inteireza de suas opinões e de seus conceitos, do que se lhe paga ao dia ou á hora, jornal ou ordenado?

Não percebes então que elle está ao serviço exclusivos de sua grande e austera missão de critico e de demolidor, a salario do futuro?

Oh debil credulidade do burguez de Guanabara, pois tu realmente te convenceste de que um escriptor que se recebe, que se hospeda, que se gasalha, com o carinho, com o entevo e com a admiração que se lhe devem, fica obrigado a ir para longe dizer que tu és bonito?

Tal qual o teu amigo e freguez o lorpa fasendeiro escravagista, que por não soffrer a cosiuha franceza, deixa os hotéis, mette-se em tua casa, come os teus feijões, e que ao voltar para a beat tude agricola e patriarchal do seu egoismo, — a fazenda, que é ao mesmo tempo o presidio em que cumpre pena de galés perpetuas uma centena de creaturas humanas, cor da noite e cor do inferno — altude as tuas virtudes e proclama-te homem liso nos negocios?

Ora, francamente meu veneravel e ingenho camarada, meu compatriota e meu visinho...

Atas.

A flor da jurema

Tu és a flor da jurema,
Flor que embebeda e allucina,
Não ha alma que não tremia,
Quando a tua voz divina
Enche o coração e o mar
De uma infinita doçura,
Que até na propria amargura
L'pareçe rir e cantar.

Tens na corola um licor
Que os deuses nunca provaram,
E' que dentro dessa flor
As tres fadas enerraram
Todo o bem que desejamos.
Mal nos humedece os labios,
Com sorpresa nos tornamos
Mais creanças e mais sabios.

Quem olha para teu rosto,
Por mais que soffra e padeça,
Perde de todo o d'gosto,
Perde de todo a cabeça.
E na propria escuridão
O sol fulgura e scintilla,
E' que o sol de uma pupilla
E' sol que não tem irmão.

Quando a primavera vem
Matisando o prado e as flores,
Teus olhos humidos têm
Raios de todas as cores.
E enroscada no teu braço
A venturosa alegria
Canta de noite e de dia
Como um rouxinol no espaço.

Tu és a flor da santa-lia,
E's o thuribulo immenso
De onde sae a fumarada
De myrrho, d'aloes, de incenso
Que vai subir ao altar
Como uma prece bendita
Para as almas enlaçar
Na omnipotencia infinita.

Assim, pois, piedosa flor,
Assim, pois, flor da jurema,
Dá-me que eu beba o licor
Dessa ventura suprema,
Que fortalece o quebranto
E nos faz voltar á vida.
Tu és o balsamo santo
Que cura qualquer ferida.

Em cada petala tua
Sente-se aquelle carinho
Proprio das noites de lua
Quando o barulho de um ninho
Basta para nos fazer
Desenterrar o passado
E o corpo de uma muther
Dentro d'elle sepultado.

Como as aves da manhã
O ouvido attento despertas,
E ao lado da tua irmã
— A aurora — d'azas abertas,
Fica no céu e nos valles,
Garrula, risonha, louca,
Dando um raio a cada calix,
Dando um beijo a cada bocca.

LUIZ MURAT.

O CONDE

(G. DROZ.)

A fallar verdade, o senhor conde é o rei da terra. Elle tem uma fortuna immensa, antepassados de primeira agua, soberbas terras, uma companheira — a senhora condessa — que é pelo menos uma santa; tres cocheiros, trinta cães, doze cavallos maravilhosos, um chefe de cosinha de metter inveja a um cardinal. Tem saude, espessas soças, magnifico porte, nariz desmesuradamente aristocratico, e vai deitando lisongeira barriga e principios religiosos.

Tem de nascença a graça natural, o desembaraço, a dignidade sem affectação que não se inventa, nem se pode adquirir. Faça o que fizer, esteja onde estiver, é imponente, cheio de dignidade; todos os olhares o procuram, todas as boccas dizem discretamente: Alli está elle! Adivinha-se que sob aquella fronte u tanto desnudada está acorada uma intelligencia immensa; imagina-se que o nobre sangue d'esse homem surpreendente acarreta parcelas de ouro e de diamantes... Que sei eu? Comovome, sem o querer, e, perdoe-me Deus, quando elle boceja, o que acontece muitas vezes, a gente tem tentação de dizer amen.

Eu o vi, nos dias festa, caminhando a passo curto atraz do senhor vigario, pegando com as duas mãos — só com duas — um grande cordão de seda branca, um cocheiro acceso, o pincenez de tartaruga, o livro das horas encaderado em marroquim, com as armas de sua excellencia na capa, um grande ramalhete, e o lenço de assoar... Não se atrapalhava, e ainda achava geito de se benzer de quando em quando sem deixar cahir cousa alguma no chão. O fagote, que é de primeira força, soprava-lhe no ouvido, é o thuribulo manejado por um menino do coro bateu-lhe por vezes nas nobres pernas; mas elle ficou impassivel, da seus labios não escapou um suspiro, uma queixa.

Eu o vi do alto de seu break, dirigindo com mão firme a carreira de seus corseis espumantes; as rodas despediam relampagos, os cocheiros escorrendo ouro ceixavam cahir desdenhosos sorrisos sobre as populações, as arvores inclinavam-se as manadas fugiam para longe; um pato, sem duvida um pouco exaltado, veio espontaneamente collocar a cabeça embaixo das rodas...

— elle conservou-se, calmo, digno, olympico, e sem embargo da nuvem de pó que respeitosa velava seu rosto, eu distinguí em seu semblante augusto a serenidade aristocratica que nunca o desampara.

Eu o vi na caça, soprando em sua cornetinha de prata, — elle sopra de falso em suas cornetas [de caça, — enquanto uma egua soberba do custo de tres contos o levava á desfilada; o mesmo todo imponente, a mesma grandesa, a mesma belleza.

Ha n'este homem alguma cousa de angelico e de imperial.. Sim, eu o affirmo, imperial e angelico. E' preciso tel-o visto como eu vi, tel-o contemplado por todas as faces, sob todos os aspectos, para ter ideia clara de sua assombrosa superioridade. Superioridade incontestavel, fatal, nativa, atraz da qual adivinha-se o dedo de Deus. Diante de tal homem, inclina-se respeitoso o ciúme das massas, e cala-se. Pois não seria loucura contestar ao conde as magnificencias do todo, que, como se sabe são privilegio de sua raça? Quem nescientemente invejará seu nobre nariz, que, transmitido de geração em geração com o maior cuidado, foi collocar-se no meio le seu rosto como uma joia no escritorio; nariz que é a um tempo documento historico, reliquia de familia e typo de belleza; nariz que ha quinhentos annos occupa os melhores empregos, tem exercicio na corte, e atua os grandes do imperio? — Ora digam-me, não merecem respeito taes antecedentes?

Alóra a caça, as refeições que elle prolonga um tanto, pois o appetite é tradicional na familia, e os exercicios religiosos que elle se compraz de prolongar tambem, o conde leva uma vida muito calma e poder-se-hia dizer que seu espirito vive em retiro. A leitura dos officios divinos, e por vezes a de algum entrelinhado bem serio da Gazeta de França bastam aos seus gostos litterarios, e de mais não lhe sobriaria tempo, da certo, para dar á leitura maior importancia.

Com effeito, cedo vae elle á missa, ou sae com a matilha; muitas vezes até, durante a manhã, gosa de ambas essas distracções, — não simultaneamente bem entendido. Volta depois ao castello; apeia-se com extrema nobresa, vae até o canil, lança o olhar nas estribarias, amima a anca de Vandéa, e entra em casa para mudar as botas, e v stir-se para o almoco. — Essa occupação rouba-lhe longos instantes, pois elle faz todas as cousas o n apurada perfeição; assentado deante do espelho, enquanto João o arranja, elle procura no rosto alguns traços de sua nobre origem, e acha-os; depois cantarola um velho estribillo do seculo passado, hesita entre duas calças, dá piparotes no termometro, em quanto recebe os suspensorios, examina os dentes, grandes e alvos, es ova as unhas...

O tempo vda, a hora do almoco surprehende-o no meio de suas occupações, ouve-se a campá, e tres veze em quatro o Sr. conde, chegando retardado, tem de dizer o *Benedicite* na escada, abotoando os punhos.

Só meia hora depois do meio dia é que o almoco está verdadeiramente terminado. Nesse momento um a especie de torpor muscular se apodera do castello, elle sente necessidade de repouso. Dirige-se então para um divan profundo na sala dos guardas, e alli, em sitio retirado, sob o olhar severo mas benevolo de seus avós, adormece nobremente. Durante esse tempo, os servidores do castello caminham na ponta dos pés e fallam baixinho, os gallos da vizinhança callam-se, os cataventos param, e as pendulas dão horas mui discretamente.

Lá pelas tres e meia, quer a Providencia que o Sr. conde desperte, boceja um instante com aquella distincção que elle emprega em tudo, olha para o chronometro a fim de verificar que nada está mudado na marcha regular das cousas, e de novo sente necessidade de trocar de botas. Seu criado particular que acorda á mesma hora, exhibe aos olhos do amo varios pares de umas botas inimitaveis que lhe vem da Inglaterra, como as luvás, as navalhas, o sabão. O Sr. conde olha, medita, hesita, faz um momo, sorri-se, e afinal voltando-se para o criado:

— Que dizes? pergunta.
— Depende das intenções do sr. conde.

— Das minhas intenções l... Mas precisamente minhas intenções é que se hão de modificar conforme as botas que eu calçar... Sinto um peso nas regiões digestivas, João, uma espécie de torpor cerebral... Rue pensa, u que seja? Falla sem receio.

— O sr. conde reflecte de mais, — murmurou João com ares de convencido Vi esta manhã o sr. conde passear no parque; parecia absorvido em seus pensamentos.

— Tu não és tolo, meu rapaz... Vem me pentear; indicar-te hei posteriormente as botas que quero calçar, estou ainda indeciso...

Ah! tu me viste pensando no parque?... Manda sellar a *Vandea*. Talvez eu vá até a casa do *Ramos Velhos*... ou então... não: manda atrelar o carrinho; irei passear com o vigário que soffre de enxaqueca... N'esse caso, calçarei botinas de corte... E' verdadeira que faz calor... Pentea-me sempre, estou indeciso. — Conta-me alguma cousa.

O conde tem por seu criado João certo affecto polvilhado de reconhecimento. — De facto, tinha procedido bem. Era em 1848, quando as bases sociaes abaladas pelo desencadeamento das paixões ameaçavam... Quando o conde viu em tal estado as bases sociaes, sentiu uma dessas emoções que despedaçam os mais fortes.

— Sacca de papel! condessa, disse elle um dia á castella—era preciso na verdade que a sociedade estivesse profundamente abalada para que o conde assim se exprimissem, — sacca de papel! o futuro me inquietava. E cahiu em grande perturbação...

Escapando da taverna visinha, chegavam-lhe gritos e cantigas; os ladrões de caça passavam no parque, de espingarda em baixo do braço; as noticias de Paris nada tinham de tranquilisadoras; os criados do castello começavam a fumar seu cachimbo nas antecelas... Certa manhã o conde deparou com estas palavras escriptas em letras garrafas na immaculada fachada do castello: *Abaixo os aristos*...

O conde não se conteve mais e correu á casa do vigário que estava quasi a borrficar com o piedoso hyssape a facha do novo juiz de paz.

— Mas, Sr. vigário, exclama o conde, que vae fazer vossa reverendissima?

— Trato de salvar a cabeça, Sr. conde. — Sustento-me de benzeduras: ante-hontem era meia duzia de almas, hontem a bomba de incendio e tres bonets vermelhos; — esta manhã é o fim deste... Sr. juiz de paz. — Amanhã... Talvez houvesse possibilidade de salvação, si o Sr. conde quizesse aceitar o commando da grande nacional.

Felizmente João que tinha sido nomeado tenente por unanimidade persuadiu o conde que se apresentasse como aspirante ás dragonas de capitão.

Abriu uma pipa na relva, e procedeu-se á eleição, que foi bem succedida. O sr. conde foi nomeado, e correu um discurso extremamente liberal que o seu tenente acabou; recebeu a inevitavel benção do vigário na frente da companhia, que o convidou a tomar um punch republicano no salão da hospedaria do *Gallo Atrevido*.

Nesse anno o novo capitão recebeu abraços fraternos. bateram-lhe no venchamando-o *gorducho*, *meu velho*, *meu tre*, *gato*. O cabo dos bombeiros, que como telhador tinha concertado os cataventos do castello, disse-lhe pelas horas da noite, em um accesso de ternura. *Escuta, Affonso, eu não te quero mal*. Bebeu-se á independencia immediata e sem delonga dos povos em geral, a baratesa das bebidas alcoolicas, a supressão irrevogavel da nobreza, e ao achatamento completo da força de policia.

— O sr. conde bebeu a tudo isso, mas quando sahio da festinha, estava na chuva.

Correu o tempo, reapareceu a calma e tudo foi esquecido. O vigário executou um contra benzimento retrospectivo

— o sr. conde lavou as maos.

Mas posso dizer alto e bom som, em honra de sua potente individualidade,

as opiniões intimas do conde nunca mudaram, nunca mudarão. Ainda quando elle tinha um tope no chapéu e bebia punch republicano no *Gallo Atrevido*, seu bom coração estava puro e seus olhos não tiveram de corar.

Opiniões engarradas ha quinhentos annos não se transformam mais.

Rendamos homenagem publica á grande figura do conde, a esse typo admiravel.

Sim, sua alma é uma rocha; sim, sua intelligencia parece-se com a alma, e a este se poderia applicar a famosa divisa — desviando-a a um tanto de seu bello sentido historico.

Stult mole immotus.

Traduzo, por causa das senhoras: *O senhor conde é um marco de pedra mas tem prestigio.*

Registro republicano

Concluiu o curso de direito em S. Paulo o rio-grandense do sul Sr. Rivadavia Correia bem conhecido dos republicanos pelos excellentes artigos que deu á publicidade na *Revista Federal*.

Saudando o distincto correigionario, desejamos vel-o em breve restituído ás lides da imprensa.

Pelo 13º districto de Minas Geraes os candidatos do partido republicano, á assembléa provincial, são os Srs. Martins de Andrade e Joaquim Leonel de Rezende Filho.

Os republicanos de Curitiba apresentam como candidato á assembléa provincial do Paraná o Sr. Eduardo Mendes Gonçalves, como foi deliberado em reunião de 30 de Outubro. Em nova reunião deve ter sido escolhido mais um candidato.

Em S. José do Norte, Rio Grande de Sul, trata-se da fundação de um club republicano. E' dizer que está fundado.

Os eleitores republicanos de Piracicaba dirigem aos candidatos de seu partido a seguinte carta:

«Exm. Sr.—Os abaixo assignados, eleitores republicanos do 8º districto, francamente abolicionistas, convencidos de que a importancia do systema representativo está na plena solidariedade de principios entre os eleitores e seus representantes, entendem não exaggerar de suas attribuições pedindo a V. Ex. se digne declarar-lhes se, como elles, tambem é V. Ex. francamente abolicionista.

«Contando merecer resposta subscrevem-se, etc.»

E' brilhante a maneira por que os fazendeiros republicanos paulistas respondem aos adversarios que lhes atiram a nodoante pècha de escravocratas.

A carta, dirigida ao illustre chefe Raphael de Barros, pelo capitão Bento Bicudo, importante fazendeiro de Campinas e alli membro proeminente do nosso partido, é um documento honrosissimo que attesta a hombridade e o patriotismo do seu sigrario e de seu digno irmão e enche de justa ufania o partido republicano que se orgulha de contal-os em suas fileiras.

Eis a carta: «Campinas 16 de Novembro de 1887—Illm. Sr. Dr. Raphael de Barros — Amigo e senhor—Não me sendo possível comparecer á reunião que V. S. convocará para Dezembro, cumpre-me pedir-lhe que faça saber a reunião que tanto eu como meu irmão Pedro Bicudo annuimos e aceitamos toda e qualquer solução, em relação á libertação da provincia de S. Paulo.

«Possuimos cerca de cem escravizados, e para nós será um contentamento que os fazendeiros ahi reunidos aceitem o prazo e consigam a libertação da provincia de S. Paulo em 1888.

«E' o que cumpre comunicar-lhe, e queira aceitar as sinceras felicitações pela attitudetomada por V. S.; e conte-me em o numero dos seus amigos e admiradores por ser de V. S.—*Bento Bicudo*.»

Adheriu ao partido republicano o importante fazendeiro Dr. João Fernandes Paz, residente na provincia de Minas Geraes. Em carta dirigida ao cidadão Joaquim Verissimo da Costa Lage, morador na cidade do Rio Branco, diz aquelle cidadão: «Fui conservador, mas hoje estou firmemente nas fileiras republicanas, pois tenho a convicção de que é o unico partido que poderá salvar a nossa patria.»

Falleceu a 19 do corrente, em S. João da Boa Vista, S. Paulo, o abastado e velho fazendeiro João Thomaz de Andrade.

Filiado ao partido republicano foi sempre de uma dedicação sem limites ás suas crenças, distinguindo-se por sua grande lealdade e honradez. Deixa uma numerosa descendencia.

No dia 4 do corrente, na assembléa provincial do Rio Grande do Sul, o illustre deputado republicano Dr. Assis Brasil pronunciou um importante discurso sobre as funcções municipaes, exalçando com grande brillantismo a autonomia do municipio, como base de todo o regimen verdadeiramente livre.

A bella oração do eminente rio-grandense, que arrancou applausos até de seus mais decididos adversarios, foi integralmente estampada na *Federação* de Porto-Alegre e sentimos não ter espaço para inseril-a em nossas columnas como um brinde aos nossos leitores.

Memorial da folha

ADVOGADOS:

J. Saldanha Marinho.
Alvaro Chaves.
R. Sá Valle.

Rosario, 57.

Cyro de Azevedo.
Becco das Cancellas, 2

Aristides Lobo.
João Coelho G. de Lisboa.
Ourives, 21.

Ubaldo do Amaral.
Jorge do Amaral.
Quitanda, 47.

F. A. Pessoa de Barros.
Carmo, 42.

J. Xavier da Silveira.
Alberto S. M. Torres.
Ouvidor, 41.

J. B. Sampaio Ferraz.
S. Pedro 4.

Luiz Murat.
Alexandre Ratisbona.
Quitanda, 42,

J. A. P. de Magalhães Castro.
r. do Hospicio, 31.
Eugenio V. Catta-Preta.
Alfandega, 42.

MEDICOS:

Julio Diniz.
Sete de Setembro, 239.

Drummond Franklin.
Rosario, 34.

Candido Barata.
Sete de Setembro, 1.

Teixeira de Souza.
Sete de Setembro, 68.

CHAPEUS

Grande liquidação até 31 de Dezembro por motivo de reforma do estabelecimento

82 -- RUA SETE DE SETEMBRO -- 82

Compõe-se o sortimento d'esta casa de um bonito sortimento de chapéus enfeitados, para senhoras, moças e meninas, sendo dos feitios mais modernos; grande sortimento em chapéus para homens e meninos, fabricados nas principais fabricas de Pariz, Londres e Hamburgo.

Para facilitar ao publico, adoptou-se desde já o systema de — exposição permanente, com os preços marcados nas fazendas — podendo por esse systema uma criança comprar, sem receio de ser enganada.

Recommendo, pois aos interessados n'estas vantagens não comprarem chapéus sem visitar a CHAPELARIA DE LONDRES, á *Rua Sete de Setembro n. 82.*

Chapelaria de Londres

Papelaria e objectos d'escriptorio

ARTIGOS DE FANTASIA

Officina de typographia, gravura e marcação de papel em relevo

FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA

J. M. PARRERA & C.

63 - RUA DE GONÇALVES DIAS - 63

PROXIMO A RUA DO OUVIDOR

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA

DEMOCRACIA

Encarrega-se de qualquer trabalho typographico, bem assim de composição, revisão de periodicos, theses, notas commerciaes, programmas, etc.

40 -- Rua de S. José -- 40

LABORATORIO CENTRAL

HOMOEOPATHICO

— DE —

A. G. DE ARAUJO PENNA & COMP.

47 -- Rua da Quitanda -- 47

RIO DE JANEIRO

Fornecedores da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro e do Hospital da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia;

premiados nas exposições nacionaes de 1873, 1875 e 1881, e internacionaes do Chile e Phila-

delphia, pela perfeição e pureza de seus remedios.

Completo sortimento de medicamentos em tinturas e globulos, livros dos melhores autores e todos os artigos de homoeopathia.

ESPECIALIDADES

CEREUS BRAZILIENSIS. — Remedio poderoso e effizaz, de uma acção prompta para a cura das affecções do coração; privilegiado pelo governo imperial.

PHENOLINA PENNA. — Cauterio para acalmar instantaneamente as dores de dentes mais rebeldes.

CHENOPodium ANTHELMINTICUM. — Vermifugo homoeopathico em pó, muito effizaz para expellir as lombrigas das crianças.

OPODELDOC DE GUACO. — Poderoso remedio contra o reumatismo, nevralgias, queimaduras, tumores, inchados e dores em geral. O uso d'este linimento é aconselhado pelos medicos mais considerados; sua acção é prompta e seu emprego facil. Toda a casa de familia deve possuir este remedio excellente.

Todos estes preparados encontram-se nas principaes pharmacias, drograrias e no

Laboratorio Central Homoeopathico

—»: DE :«—

A. G. DE ARAUJO PENNA & COMP.

RUA DA QUITANDA, 47

MODAS

A casa franceza de Mme. Marie, á rua de Gonçalves Dias n. 39, tem sempre um grande sortimento de chapéus para senhoras, fitas, flôres, plumas, etc.

Enforma chapéus, tinge plumas, fabrica e concerta leques.

39--RUA DE GONÇALVES DIAS--39